

Cathedral de S. Mauricio

Entre os magníficos monumentos de Vienna conta-se a cathedral de S. Mauricio, fragmentos de architectura gothica que em parte tem sido respeitadas por tantos seculos. Eleva-se magestosa, a grande altura, a velha basilica, soberbo e real edificio, que pôde entrar em justa comparação com os que a França tem de mais bellos.

A egreja de S. Mauricio, realmente digna de admiração, é obra devida á liberalidade de principes e á piedade dos antigos habitantes de Vienna. Todos os segredos da arte foram ali reproduzidos de tal modo que formam um conjuncto admiravel, merecendo o frontespicio particular attenção. É enriquecido por um infinito numero de figuras de pedra: as que estão na entrada principal representam a historia do nascimento, vida e morte de Jesus-Christo. As duas outras entradas, no meio das quaes está a principal não são menos ricas de ornamentos. No lado direito está representada, por muitas figuras, a Assenção de Jesus-Christo, como do outro lado

está a da Assumpção da Virgem. Estas figuras são todas em alto relevo. Vêem-se ainda os vinte e quatro nichos onde estavam assentes as grandes estatuas, que foram destruidas no seculo XVI, por ordem do barão das Adrets, restando apenas alguns fragmentos d'algumas, e entre ellas não escapou a de S. Mauricio. Duas altas torres completam a elegancia do frontespicio. No centro d'estas torres havia d'antes uma grande estatua de S. Mauricio, a qual era de bronze dourado, e no anno de 1567 foi derrubada como as outras de que fallámos.

Entrando-se na egreja fica-se maravilhado pela decoração d'este espaçoso templo. O tecto que d'antes era semeiado de estrellas d'ouro é supportado por quarenta e oito columnas, das quaes vinte e quatro são unidas ás paredes. As galerias, a grande altura, recebem luz por muitas janellas do côro e da nave. A tribuna e o côro sobre o qual está exposto o signal da nossa redempção é em parte de uma pedra tão bella e

tão polida que parece cristal. As armas da casa de Willars e as de Maugiron ali testemunham que é devido aos seus benefícios que a cathedra está ainda no estado em que se acha.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non timebit*

Ps. CXI 7.

X

É lástima que o principe Eugénio, tendo que dictar as suas *Memorias*, fôsse fatalmente forçado a fallar só dos acontecimentos, em que foi actor, ou de que foi testemunha presencial. De outra sorte, a propósito do estabelecimento do *Consulado*, tẽr-nos-hia proporcionado mui curiosas e instructivas noticias, e até promenores de summo interesse acerca da organização do governo consular, da politica interna e externa, da Constituição do anno VIII, dos trabalhos dos Corpos Legislativos, e dos diversos personagens que n'aquella memoravel época representaram um papel importante.

O auctor das *Memorias*, porém, encerrou-se discretamente nos limites que a natureza das cousas lhe marcava, e restringio-se a narrar o que, mais ou menos directamente, tocava á sua pessoa. — Acompanhá-lo-hemos n'esse terreno, e de caminho iremos apontando algumas circumstancias ou observações, que outros escriptores nos subministram.

Desde que se instaurou o novo governo consular, tornou-se muito desagradavel para o principe Eugénio o serviço de ajudante de campo, obrigado como era a estar na antecâmara do gabinete de Bonaparte, e a ser pouco mais do que porteiro ou continuo. Facilmente se concêbe que um tal exercicio repugnasse a um official ainda môco, acostumado á vida activa das funcões militares.

Organisou-se por esse tempo uma Guarda Consular, e Eugénio aproveitou o feliz ensejo para dar de mão a um emprego que estava em desarmonia com os seus habitos. Abrio-se francamente com Bonaparte, e tẽve a fortuna de que este encarassem bem a sua repugnancia e approvasse o seu melindre; de sorte que não tardou em ser nomeado capitão de uma das companhias de cavallaria da mesma Guarda.

Desembaraçado do serviço civil, e de todo ponto estranho ao movimento e peripécias da politica, applicou-se no inverno de 1799 aos estudos da sua profissão; sendo muito de notar e de louvar que, nem sequer por um instante, o desviassem d'aquelle grave empenho as distracções próprias da mocidade.

Não correu muito tempo sem que principiasse a fallar-se de guerra. Um exercito, sob o commando do general Moreau, devia passar o Rhenno; ao passo que outro, sob o commando immediato de Bonaparte, havia de reunir se para o lado dos Alpes, para cair sobre os Austriacos na Italia. De feito, no mez de maio de 1800 foi Eugénio incorporar-se á grande reserva que ia effectuar a passagem do Monte de S. Bernardo.

Não particularisa Eugénio as miudezas d'essa grandiosa passagem; mas não pôde prescindir de observar, que esse commettimento ousado lhe

suggestio grandes e uteis reflexões sobre o que é capaz de fazer um chefe, quando o anima uma vontade enérgica e firme. D'est'arte cresceia no seu conceito o extraordinario merecimento do guerreiro immortal, que até então levára sempre á victoria os soldados da França.

No dia 14 de junho foi pelejada a memoravel batalha de Marengo, á qual assistio Eugénio, do mesmo modo que tomára parte, sempre com distincção, nos diversos recontros que a precederam.

O general Desaix, de tão sympathica nomeada, tinha voltado do Egypto, e viéra encontrar-se com o exercito francez em Pavia. Teve Eugénio occasião de avistar-se com o estimavel e illustre general, a quem os habitantes da cidade do Cairo dêram o honroso titulo de — *Sultão justo*. — Desaix disse a Eugénio, como se tivesse o sentimento do tragico fim que o aguardava proximamente: *Noutro tempo as balas austriacas conheciam-me; tenho receio de que já me não conhecem agora!* — D'ahi a pouco, e quasi no fim da batalha de Marengo, recebia Desaix uma bala, que o riscava do numero dos vivos!

Singulares acasos da guerra! Essa batalha de Marengo, que tamanho lustre deu ao general Bonaparte, e que tão benéfica influencia teve no seu destino, — essa batalha estava perdida por volta da tarde, e foi o general Desaix quem veio transtornar o triumpho que já tinham alcançado os austriacos, e dar a victoria aos francezes! Desaix é atravessado por uma bala, — e o general Bonaparte colhe os louros da victoria, e aproveita habilmente o prestigio que esta lhe dá para marchar mais affouto e seguro nos seus designios ambiciosos!

Houve quem accusasse o general Bonaparte de ter mandado para Genova a columna commandada por Desaix, precisamente na véspera da batalha de Marengo, commettendo assim uma grave falta, qual a de enfraquecer o exercito, e de se collocar no risco de perder a mesma batalha... como effectivamente chegou a estar perdida.

Eugénio justifica o general Bonaparte, dando-nos assim occasião a desempenhar o gostoso encargo de acudir pela verdade.

Eugenio declara que foi testemunha de tẽrem vindo muitos officiaes trazer ao Primeiro Consul (á noute, na véspera da batalha) a noticia de que o inimigo se retirava á pressa, depois de haver destruido todas as pontes sobre a Bromida. Bonaparte, prudente e cauteloso nas cousas da guerra, exigio a confirmação reiterada daquellas noticias, e só então se deliberou a mandar Desaix, com um corpo de tropa, a Génova, afim de fazer levantar o cerco daquella importante praça, se ainda coubesse no tempo.

Na manhã seguinte, porém, outvio se uma forte *canhonada* para as bandas de Alexandria, e o Primeiro Consul soube que o inimigo estava em força nas planuras, tornando-se assim inevitavel uma grande batalha. A inquietação de Bonaparte foi immensa, e só teve por igual a cólera de que estava repassado contra os officiaes, que na véspera lhe haviam dado erroneas informaçõs. Mandou a toda a pressa ordem a Desaix para que voltasse. Encontráram-no em Novi, donde veio ainda a tempo de tomar parte na batalha, e de converter o inevitavel desastre do

exercito francez em uma victoria brilhante e decisiva.

Demoremo-nos com o author das *Memorias* em narrar o final da batalha de Marengo. O exercito francez estava em retirada, quando por volta das cinco horas da tarde pôde Desaix reunir-se a elle. O Primeiro Consul toma immediatamente a offensiva. As tropas do general Lannes fórman de novo, acoroadas por aquelle reforço; n'um atomo comêça o ataque, e ao mesmo tempo a marcha retrógada do inimigo. A cavallaria do general Kellerman dá uma bella carga sobre a direita do inimigo; e a cavallaria da Guarda Consular dá outra carga não menos brilhante, arremessando os austriacos até ás primeiras pontes da Bromida, sempre acutilando. Foi tal a refréga, que a companhia de Eugénio, tendo de manhã cento e quinze cavallos, tinha á noite apenas quarenta e cinco, afóra um piquete de 15 cavallos que ficára com o Primeiro Consul.—No dia immediato foi Eugénio despachado chefe de esquadrão, em virtude do brilhante procedimento que tivéra na batalha.

Eisaqui o modo dramatico, e grandemente energico e eloquente, como M. Lanfrey narra esta ultima parte da batalha de Marengo:

—..... Desaix, que voára em soccorro do Primeiro Consul, desembocava naquelle mesmo momento na planicie de Marengo com a Divisão Bondét. Ao ouvir o primeiro estampido da artilharia, suspendêra a sua marcha sobre Novi, e certificando-se de que ninguem nos ameaçava por aquelle lado dirigira-se a toda a pressa para San Giuliano. Reconheceu immediatamente que a batalha estava perdida; mas entendeu que não era impossivel ganhar outra que reparasse a primeira. Sem detença reúne Marmont o pequeno número de peças que o inimigo não desmontára, e dirige um fogo vivissimo sobre a columna principal, que vem avançando atravez da planicie, commandada por M. de Zach em pessoa. A columna recêbe o fogo sem se abalar; e é então que Desaix lança contra ella duas meias brigadas, que por um instante a fazem parar; no meio da refréga, cêhe morto Desaix, ferido mortalmente por uma bala que lhe atravessa o coração. Aquellas valentes tropas, opprimidas pelo número, iam cedendo terreno; e a terrivel columna, que parecia não poder sequer ser tocada, avançava sempre, fazendo dobrar tudo o que se lhe antepunha, — quando repentinamente lança Kellerman sobre o flanco os seus dragões, tanto a propósito e com tamanha impectuosidade, que ella fica como que aniquilada. Surprehendida, e sem ter tempo de se pôr em defeza por aquelle lado, separada do restante do exercito austriaco, depõe as armas no campo da batalha em número de seis mil homens. Este golpe, fulminante, prodigioso, muda n'um instante a face das cousas; nem jamais se vio na guerra uma revolução tão súbita, tão completa.

—Pára o nosso movimento retrógado; reunem-se os nossos fugitivos; e desde logo retomamos a offensiva em todos os pontos. Os Austriacos, espantados, recuam agora, e depois fôgem em debandada. Surge um panico sem exemplo; a cavallaria passa sobre o corpo dos soldados de infantaria, para precedêrem estes na passagem das pontes. Tudo vai amontoar-se n'essas pontes, em confusão horrivel; e os que não podem passar,

são arremessados á Bromida. Fica em poder dos francezes quasi toda a artilharia. O desastre é completo.—(1)

—Tratando-se de uma das mais memoraveis batalhas dos tempos modernos, e porquanto Eugénio de Beauharnais tomou parte nella—pareceu-nos indispensavel detêrmo-nos um pouco em mencionar alguns episodios notaveis da mesma.

No artigo immediato verêmos o que succedeu ao author das *Memorias* depois da batalha de Marengo.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

Lista dos prefixos e seu valor, importados da lingua latina e admittidos como radicacs de muitos termos da nossa.

OPINIÃO DE E. GARRAULT

(Continuado de pag. 268)

OBSERVAÇÕES GERAES

PREFIXO *ad*

A cosoante d'este prefixo tende, quasi sempre, a mudar-se, como por attracção, na mesma letra por que comêça o termo a que se junta; v. g.: *acceder, affirmar, aggravar, etc.*; noutros porem conservam-se distinctos o termo e a proposição; v. g.: *adherir, adjuncto, administrar, etc.*; estes porem são mais raros.

A preposição *ad* tem por funcção exprimir o movimento pelo qual dois objectos tentam tocar-se, pelo qual um se dirige para o outro: é a sua significação fundamental. Depois esta conformidade puramente *local*, applica-se metaphoricamente ao espirito e ao pensamento.

Ad é o opposto exacto de *ab*: a primeira d'estas particulas, exprime a approximação que pôde ir até á justaposição, á junecção; em quanto que a segunda exprime o afastamento de um objecto de um outro ao qual estava justaposto ou de que estava mais ou menos proximo.

Exprimindo a direcção para um objecto é o prefixo *ad* synonymo de *in*, mas com esta unica differença: *ad* demonstra sómente que um objecto se approxima de um outro, e que, quando muito, se lhe junta ou com elle se une, em quanto que *in* leva mais longe esta ideia e designa a *entrada*, a maneira porque uma coisa penetra ou parece penetrar noutra.

Assim a ideia de approximação, de tendencia, e, conseguintemente, de proximidade, justaposição, constitue o sentido proprio de *ad*.

Mas esta approximação, sendo algumas vezes uma simples tendencia, implica, em outras, a ideia de esforço, de cuidado, no sujeito, ou de espontaneidade, de paixão, ou de um fim que nos propomos.

Por outro lado, a proximidade prênde necessariamente com outras ideias accessorias: um objecto collocado ao lado de um outro, acrescenta-o juntando-se a elle, augmenta-o; ou melhor ainda, uma pessoa ou uma coisa ao lado da qual se está, offerece occasião de uma accção, ou influe sobre a accção, a dirige e regula, etc.

Reflicta-se agora na diversidade infinita das ideias com que o prefixo *ad* é susceptivel de combinar-se, e conceber-se-ha que d'ahi deve

(1) *Hist. de Napoleon I.*

resultar para as palavras compostas d'esta particula uma quantidade de variantes particulares, muitas vezes difficeis de conciliar, mas muito admissiveis.

Amb e Circum

Estes prefixos exprimem referencia a um espaço considerado como sendo mais ou menos circular; servem de designar a mesma relação local com gradações differentes.

Estas duas particulas indicam que uma acção tem lugar em um espaço considerado como circular; que tem lugar sobre todos os pontos ou sobre alguns da circumferencia, ou, o que diz o mesmo, sobre a superficie de um corpo redondo; até ha casos em que a acção se opera sobre pontos interiores do circulo, e basta que a ideia de um espaço pouco mais ou menos circular exista no pensamento do que falla.

A preposição *amb* ajunta pois á palavra na composição da qual ella entra a ideia accessoria de *em redor*, mas com menos precisão que *circum*: contem muitas vezes uma simples ideia de *duplidade*: é porque com effeito ha affinidade entre as palavras gregas *ἀμφί*, d'onde deriva *amb*, e *ἀμφω*, e as palavras latinas *amb* e *ambo* (ambos.)

A preposição *circum* entra na composição das palavras sem soffrer mudança na maior das palavras: são exceptuadas poucas palavras em que o prefixo *circum* é alterado na sua composição: *circar* (circum agere) *circular* e *pouco mais*.

Este prefixo exprime um movimento, uma acção, que tem lugar sobre a periphéria de um espaço considerado como circular. É este o seu sentido fundamental. Todavia nem sempre se deve tomar este sentido em todo o seu rigor mathematico; esta palavra não faz perceber senão um contorno em geral, pouco importa que elle seja mais ou menos redondo.

Algumas vezes a particula *circum* não faz perceber uma periphéria inteira, mas somente a parte que nossa vista pode dominar, que está collocada deante de nós, ou ao nosso lado.

Em terceiro lugar, *circum* exprime muitas vezes, não um movimento relativo inteiramente em redor de um centro dado, mas um movimento absoluto, independente da ideia de um centro, com tanto que todavia seja esse movimento uma linha curva, sobre a qual muitos objectos designados parecem approximar-se mais ou menos da forma de uma periphéria.

Um facto que merece ainda ser notado é que o prefixo *circum* prende algumas vezes com uma ideia moral, ideia que todavia não deixa de ter sua relação com o legitimo significado da particula.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

A CATHEDRAL DE RUÃO

Na França ha poucas cidades onde as laboriosas gerações da idade média deixassem mais vestigios do que em Ruão, nem nenhuma talvez apresente um aspecto mais característico, differente do das cidades modernas d'aquella nação, e rico em magnificos monumentos que attestam a corajosa paciencia dos artistas. Dez seculos contribuíram para semelhantes obras, e se algum dos élos d'esta cadeia de primores de arte cedeu aos ataques dos barbaros ou aos estragos do tempo, pelo

menos Ruão tem-na visto conservar-se com orgulho até nossos dias, promettendo assignalar ainda o seculo XIX com importantes reconstrucções. A missão das sociedades modernas parece limitar-se a reparações, a trabalhar em ruinas. O viajante, admirado do grande numero de edificios antigos que se lhe offerecem á vista, não sente menor impressão pelo contraste singular que oppõe a estas maravilhas da arte a pobreza exterior das ruas, sombrias e tortuosas, e a falta de elegancia de quasi todas as casas. Ruão faz conceber a idéa de uma cidade gothica que, desobstruida dos immensos destroços sob os quaes occultára durante seculos a agulha das suas basilicas e a cupula dos seus palacios, juntasse de repente multidão de curiosos a contemplal a, e visse elevar-se no espaço que a separa dos seus monumentos sómente a architectura simples das hospedarias e dos basares.

A cathedral de Ruão, o primeiro monumento da cidade, foi completamente destruida no incendio de 1200. Apesar da importancia dos acontecimentos que, após tres seculos de separação, submeteram de novo a Normandia ao poder dos reis de França, presume-se que a reedificação proseguiu com actividade, porque em 1217 já se occupavam das obras accessorias de tão gigantesca empresa, que deslumbra o pensamento. A igreja actual é pois dos primeiros annos do seculo XIII, com algumas partes porém mais antigas e muitas outras acrescentadas posteriormente ou que tiveram modificações consideraveis. A capella da Virgem pertence ao seculo XIV e os portaes dos lados ao seguinte; o portal maior e a torre de Amboise ergueram-se durante os dez lustros immediatos a esta ultima época. É mister percorrer a extensão do côro para encontrar ainda vestigios do estylo primitivo do monumento. Todos os portaes da cathedral são dignos de observar-se, mas sobretudo a fachada principal do occidente, devida á esclarecida munificencia da familia de Amboise, cujas grandiosas proporções, rica decoração, variadissimas particularidades de que se compõe, e as duas bellas torres que a coroam promovem admiração. A torre de S. Romão, á direita, é incontestavelmente a mais vetusta obra de architectura da igreja, razão por que contrasta com o portal grande da outra torre, de construcção mais moderna. Esta ultima conserva ainda o nome de torre de Amboise ou de Manteiga (*Beurre*), porque foi edificada principalmente com o producto das indulgencias concedidas aos fieis, no principio do seculo XVI, para poderem usar de manteiga e outros lacticios durante a quaresma, o que então era severamente prohibido pela igreja.

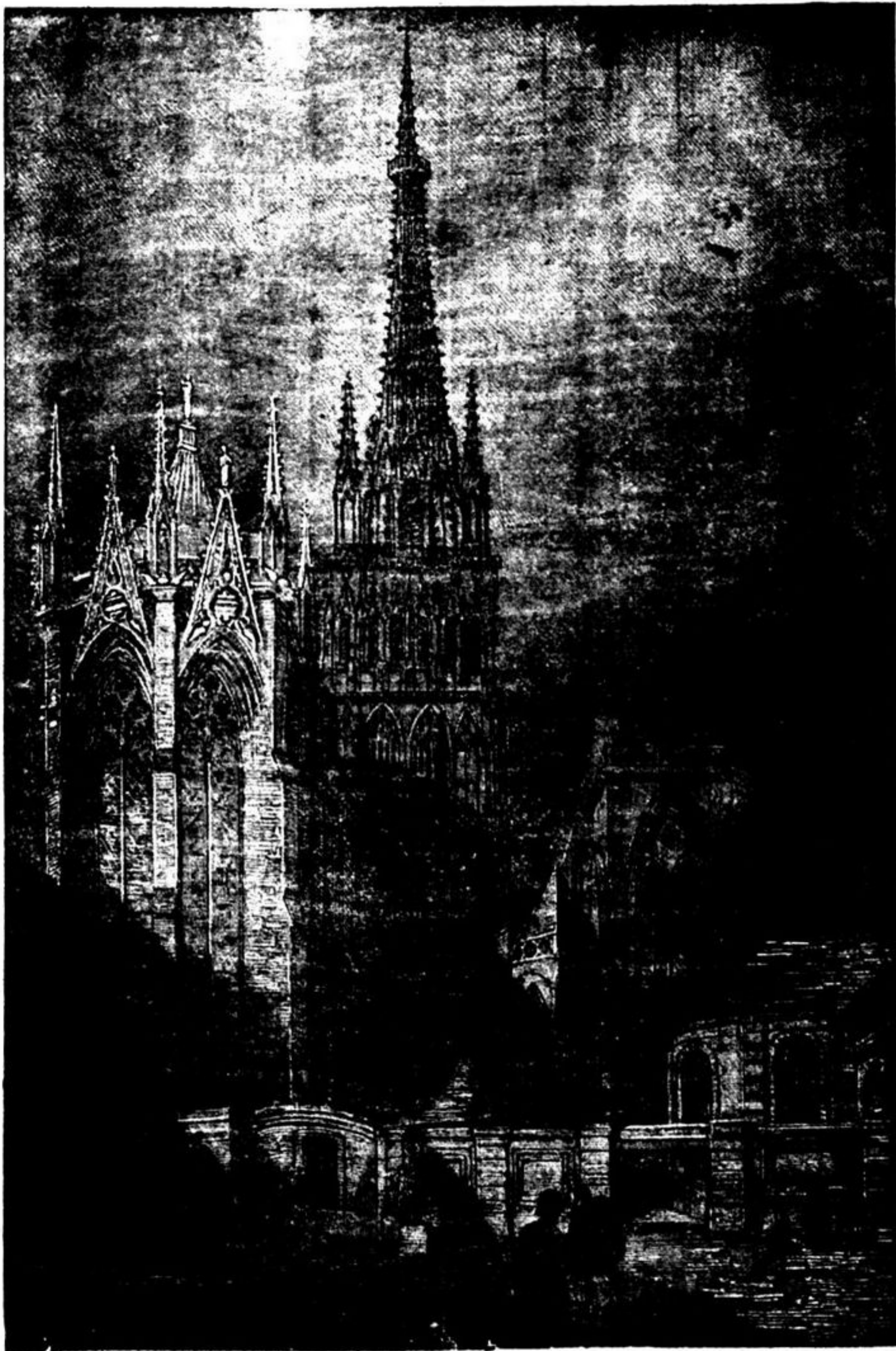
A torre de S. Romão communica com a de Amboise pelas galerias que ficam por detraz do orgão. O sino grande, denominado Jorge de Amboise, foi fundido em 1501 por João Maçon ou Machon, de Chartres, que morreu de alegria quando viu o bom exito do seu trabalho, ou de cansaço, segundo melhor fundamento.

O sino rachou em 28 de junho de 1786, dia da chegada de Luiz XVI a Ruão, e tomavam-se providencias para o refundir, quando rebentou a revolução de 1789; poucos annos depois era conduzido em pedaços a Romally, onde o converteram em peças de artilheria, cunhando-se com alguns dos seus fragmentos dez ou doze medalhas, sendo

uma depositada no museu de antiguidades de Ruão.

O exterior do monumento nada tem comparavel pela grandeza ou elegancia á esplendida e delicada pyramide ultimamente restabelecida, e que tanto encanto dá aos pontos de vista do edificio, da cidade e da aprazivel paizagem que a rodeia.

No dia 22 de setembro de 1822 é que desabou a admiravel agulha da cathedral; construida sobre a ruina de outras ainda mais altas, contava cerca de tres seculos de existencia quando o raio reabriu os caminhos já percorridos. Em a noite de 14 os relampagos scyutillavam frequentemente no horisonte; apesar da frescura do ar, o céu, coberto de nuvens, annunciava proxima



A Cathedral de Ruão

tempestade; durante algum tempo, ouviu-se trovejar ao longe, e no dia seguinte, ás cinco horas da manhã, no meio de horrivel detonação e de resplendor extraordinario, veiu o raio ferir a ponta da pyramide, que pareceu abysmar-se na parte inferior do peristilo. Quem observou a queda e a desappareição do meteoró não concebeu sequer suspeita do perigo, mas vinte minu-

tos depois entrou apressadamente na cathedral um homem bradando que o fogo estava no campanario. O incendio manifestára-se pela base da agulha e o seu clarão visivel produzia exteriormente o effeito apenas de uma pequena lanterna; o mal porém era já irremediavel; o vigaumento consumira-se com incrivel rapidez. Após poucos instantes de estalar o raio viam-se as aves

nocturnas, corvos e gralhas, que estavam refugiados na pyramide, voarem em numerosos bandos, dando penetrantes gritos. Entretanto o sino tocava a rebate, prevenindo os habitantes de Ruão do risco imminente; mas o progresso do fogo, a elevação das chammas, a impossibilidade de acudir prompta e seguramente com socorros, obrigava o povo a permanecer testemunha inerte do sinistro. As sete horas a agulha pendeu para sudoeste, ponto da sua inclinação natural, e soltando-se da base foi desabar sobre uma casa proxima, que abateu completamente, produzindo terrivel ruido. O incendio apresentava então espectáculo ameaçador; quando a parte culminante da pyramide caiu, as chammas, desembaraçadas de um obstaculo que impedia a livre acção do ar, desenvolveram-se com intensidade; as arcadas alluíram e as galerias abateram.

Das oito para as nove horas só restava sobre a torre de pedra uma grande fogueira, onde ferviam metaes, cujo oxydo produzia uma cor livida. Assim teve logar a destruição da pyramide de Roberto Becquet, primor de arte que dominava magestosamente os edificios da cidade.

A população sentiu se consternada com a perda de um dos seus melhores monumentos; tendo ficado porém intacto o corpo principal da igreja, as artes podiam reproduzir esta magnifica creação da renascença, tornando-a homogenea. Foi portanto encarregado de reparar os estragos do sinistro um habil architecto, conhecido já por trabalhos importantes e que restaurará cabalmente a igreja cathedral de Seez, na Normandia, a qual precisára tambem reconstruída uma das agulhas. Inspirando-se nos melhores modelos deixados pelos architectos da idade media, Alavoine tomou para typo principal a agulha da cathedral de Salisbury, na Inglaterra, e depois de proceder a estudos conscienciosos apresentou dois projectos, um no estylo da idade media, outro no de renascença. Coube a preferencia ao primeiro, como mais analogo com a traça geral do monumento.

(Continúa)

UM ENIGMA CURIOSO

Dando de mão, por um pouco, a assumptos austéros, pedimos licença aos leitores d'este semanario, para lhes offerecer, como género de distracção, o presente artiguinho.

São, pela maior parte, entretenimento do ocio os enigmas, ou logogryphos, a que vulgarmente damos o nome de — *charadas*; e se bem que alguns se tornam notaveis pela agudeza do conceito, ou pela excentricidade imaginosa, — raras vezes deixam, na sua generalidade, uma impressão suave e duradoura.

De todas quantas producções d'esta natureza, porém, tenho lido, uma houve, composta por um poeta francez, que muito me encantou, por ser engenhosa, e mais que tudo repassada de fina sensibilidade, — no que é ella verdadeiramente singular entre as suas companheiras.

Vou pôr esse enigma diante dos olhos dos leitores, na própria lingua em que foi escripto, e depois das indispensaveis explicações que hei de apresentar, folgarei de que tambem os impressione agradavelmente:

*Quand je perdis ma compagne fidèle
Mon second dans les airs en donna la nouvelle,
Et chaque jour je vois avec horreur
Que mon premier fait sa pâture
Des restes de l'être enchanteur
Qui fit des mes beaux jours la félicité pure.*

*Quand on voit mon tout sur les coteaux
L'été a quitté la campagne,
Et les fêtes qui l'accompagnent
Ne se donnent plus aux hameaux.*

Estou quasi a dar o nome de — *elegia* — a este enigma, — tal é a sensibilidade que elle respira!

Em tom mavioso e melancólico exprime o poeta a saudade que o magoa pela perda de sua companheira fiel e querida; profundamente lamenta que os despójos d'esse ente idolatrado sejam o pasto de famintos vermes; e, finalmente, pinta com apropriadas cores a tristeza que enlucta as choupanas e os campos — na congelada estação do inverno.

A significação do enigma é a palavra — *verglas* — que tanto diz como — geadas, gelo, caramelo; e é composta da palavra — *ver*, verme, bicho; e *glas*, o dobrar dos sinos.

Com estas breves explicações poderá facilmente apreciar-se a belleza da pequena composição que ali fica exarada.

— A um ou outro leitor mais severo peço perdão de haver ousado entretê-lo com tão somenos assumpto.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O catholicismo destinou os dois primeiros dias de novembro para duas das suas principaes solemnidades: uma em honra de *Todos os Santos*, a outra em commemoração dos finados.

A origem da festa de Todos os Santos remonta ao principio do seculo VII. O papa Bonifacio IV, tendo oblido de Phocas o celebre templo denominado *Pantheon*, que foi edificado por Agrippa, vinte e cinco annos antes de Jesus Christo, purificou o e fez uma egreja que dedicou á Virgem e aos martyres. É desde então que se acha instituida a festa de *Todos os Santos*. Nos primeiros annos do seculo IX o papa Gregorio IV ordenou que esta festa fosse recebida por toda a christandade, designando que fosse celebrada no primeiro dia de novembro.

Na egreja catholica, a commemoração dos defuntos ou *dia de finados*, tornou-se geral, desde que St-Odilon, abbade de Clugny, a estabeleceu na sua diocese, pelos fins do seculo X.

MARTYR DE AMOR!

(Continuado de pag. 316)

V.

Exageros

Claudio não comprehendera as perlecções do seu conselheiro. Influenciado pela superioridade do espirito de Christovam, vencido pelo fogo com que elle advogava a causa dos enthusiasmos juvenis da sua época, contra as lamurientas pieguices da geração actual, o moço aspirante de marinha acreditou que sentia referver-lhe lá no intimo o mesmo ardor, e tomado de um ficticio arrebatamento começou a exagerar o papel que,

na melhor boa fé se propunha a desempenhar, deslembrado do epiphonema que diz:

Du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas!

Esse passo, que é muitas vezes o salto de Leucate para os espiritos pretenciosos, deu-o largamente Claudio! matizou de europeis e lentejou-ras a apregoada singeleza do seu affecto, e empunhando o thuribulo de uma adoração insensata, onde o calor da intima inspiração era substituído por brilhante e artificioso fogo de vistas, mais alto elevou o seu idolo no capitolio do ingenito desvanecimento.

Lucia tornou-se insuportavelmente pretenciosa, oppondo, cada dia, novas theorias de philosophia social aos impulsos de cavalheiro andante com que Claudio se mascarava diante d'ella. Aquellas duas formosas crianças, ligadas assim uma á outra pelo tenue liame de um falso affecto, pareciam dois volumes truncados do D. Quixote e da Lelia, que a mão imperita de moço analphabeto collocassé casualmente juntos na mesma estante; eram um par ajustado para doudejante valsa n'um baile carnavalesco, ostentando nos seus tra-jes o mais desentoadado anachronismo!

Christovam analysava-os e ria-se.

O moço estava menós communicativo com elle, e evitava-lhe frequentemente os conselhos: mas o fingimento proseguia!

Era noite. A lua, batendo de chapa sobre um pequeno mirante contiguo á saleta de Lucia, illuminava em cheio os vultos sympathicos de Julieta e Romeu. Não balouçava da varanda a escada de corda do namorado, porque o moço Claudio entrara mui tranquillamente, sob todos os preceitos das boas relações sociaes, pela escada da casa, donde passára ássalas em que se reuniam os habituaes convivas da familia de sua bella; e d'ahi, aproveitando o ensejo de ir namorar as bellezas do firmamento que se desentranhava em jorros de luz do plenilunio, e sob color de respirar mais livre a embalsamada atmospheria com que a noite amiga compensava os ardores do sol estivo, o joven aspirante, seguindo a gentil dona da casa, se encontrára a sós com ella no terrasso.

Brilhavam de encantos e juventude aquellas duas tão sympathicas formosuras, assim alumia-das pelo lampadario da noite, sob o docel do espaço infinito; os seus talhes airosos e delicados desenhavam-se com um contorno vago e suave no fundo escuro das montanhas formadas por aquelles seculares rochedos vulcanicos, que se agrupam, como sentinellas perdidas, nas costas do mar. Para realisar em fim as tão poeticas creações de Shakespeare faltava apenas que o enlace de um verdadeiro sentimento viesse unificar aquellas duas entidades, como no mesmo pé se ostentam duas flores.

Era este o lado falso da comparação. Romeu gemia os consuetudinarios queixumes e redizia pela centesima vez á sua caprichosa Julieta:

— Porque não has de amar-me, ó Lucia? Não te vem a solemne poesia d'esta hora melancholica segredar ao ouvido um hymno de amor? Não sabes como eu repito, ao contemplar-te, o verso de Victor Hugo:

*Je t'aime anje, je t'adore femme,
Dieu, qui par toi m'a completé,
A fait mon amour pour ton âme,
Et mon regard pour ta beauté?*

não comprehendes que verdade se encerra n'esta singela quadra, e que as nossas existencias, ó querida, se completariam mutuamente uma pela outra?

— Porque has de perseguir-me, Claudio, com as declamações de um affecto, que eu não posso comprehendêr? volvia Lucia do alto de sua vaidosa izenção. Queres que accete resignada e paciente o papel de idolo n'esse templo que a tua vaidade, mais que o teu sentimento, edifica? Offerece-me incensos, embora! Mas vae mais longe a tua ambição! Queres que em troco d'essa adoração, que finges offertar-me, eu, desvanecida e orgulhosa por tamanha gloria, te roube das mãos o thuribulo para te levar em retribuição mais lisongeiras oblatas ao teu amor proprio? Queres tu converter-te em idolo? Queres fundar para o teu orgulho de creança um culto, de que eu seja a sacerdotisa, satisfeita e feliz pelas boas graças que tu, do elevado altar onde te offereces á minha adoração, me despensas? Não comprehendo este modo de amar, que pede em retribuição a homenagem de outro affecto de muito mais valor aos olhos da sociedade. Que eu te retribua ou não, será sempre para ti um titulo de vangloria o teres-me rendido os teus affectos, a mim, donzella no esplendor da vida e requestada pelos mais elegantes mancebos de nossa convivencia. Poderia eu dizer outro tanto? Será para mim um brazão de gleria o teu amor, quando tantos outros tenho pertinazmente despresado? ou seria mais glorioso para mim o teu despreso? Se a mulher, como ás vezes dizes na linguagem mythologica que te ensinou esta loucura que se te apodêra do espirito, se a mulher é uma creatura ceeste, se é um ser sobre-humano, porque lhe não offereces, posternado, os teus incensos, cheio de desinteresse e de convicção?

— Lucia! essa frieza mata-me, sinto paraly-sar-me o coração, e cada palavra tua é...

— Isso é influencia nervosa do teu temperamento, Claudio.

— É requintada maldade, Lucia! O algoz não insulta a victima! Corta-lhe o fio da existencia com mais caridade! A philanthropia do seculo acabou com as torturas da inquisição. Falla! Dize o que queres para eu te provar que não é mentiroso este amor que te consagro? Queres que busque nos conflictos da vida a corda de heroe ou a palma de martyr? queres?...

— Que não sejas creança, Claudio! a Palestina já não é crisol para os grandes amores, nem pretexto para os grandes crimes; os logares santos, se eu sei alguma coisa d'este assumpto pouco proprio de senhora, continuam tranquillamente guardados pelos turcos, e namorados avidamente pelos russos e não sei se pelos francezes... Deixa-te d'esses paroxismos de loucura cavalheiresca. A idade média passou, e hoje o bom senso e a razão são os pharóes que nos devem guiar nas acções da vida. O casamento póde ser um bom contracto para uma menina que presa as conveniencias da sociedade em que nasceu... e *voilà tout!*...

Claudio morderá tres vezes os labios no accesso de colera, que as palavras sarcasticas de Lucia lhe acendiam lá dentro. D'aquella desesperada situação só podia sair-se por um lance extraordinario!

O macebo sacou da algibeira uma pistola, uma

inoffensiva pistola descarregada que para aquella comédia sentimental levára de prevenção, e disse com voz cava e sombria:

— Queres o holocausto de minha vida? Serás satisfeita! De que me serve ella tambem sem o teu amor? Aqui me tens, pendente de uma palavra tua; move-me o dedo que pousa sobre o gatilho uma tua repulsa. A vida... a vida só a quero a troco do teu affecto.

E o mancebo collocou tragicamente o cano da arma contra a tempora.

Um leve riso de ironia perecorreu os labios da travessa menina.

— Claudio, isso é mal feito!... disse ella, sem poder dominar o tom faceto com que entrara naquella representação melodramatica. Tem juizo! Queres ser como os saltadores calabrezes, que de bacamarte em punho pedem aos tranzeuntes a esmola do seu thesouro? Pedes amor á ponta de pistola? E se eu me intimidasse? E se me rendesse ao medo? não era isso um roubo?

— Então preferes a minha morte? exclamou convulsivamente o mancebo.

— Não prefiro... porque não tenho que preferir. O teu dilemma é falso porque pecca pela base. Ou o meu amor ou a morte, dizes tu! Deixa-me em paz e vae-te com a vida, que Deus te deu para muito mais, e ahí tens o meio termo que a razão aconselha. Já vês que falha completamente a tua logica n'esta argumentação.

— Lucia! vé o que fazes... És responsavel pelos resultados.

— Se mais preferes matar-te, porque te falta uma esmola que eu não tenho para te dar, mata-te muito embora!... Aqui? Pois seja aqui! Não sabes que realce de superioridade dá a uma mulher elegante no grande mundo o circular de bocca em bocca a noticia de que por ella se suicidou um mancebo do bom tom? Sabes muito bem! Nos meus infantis sonhos de coquetismo, confesso-t'o, nunca aspirei a tanto... mas.

A posição de Claudio assumira as exageradas proporções do ridiculo, de que já não podia salvar-se. O dedo contraia-se phreneticamente sobre o gatilho, que por, estar felizmente no descanso, se não desfechava, para não aggravar ainda mais a triste situação do moço suicida!

Se a pistola estivesse carregada n'aquelle momento, o desespero fazia uma victima... que o amor não era capaz de fazer!

Uma inspiração do momento supremo salvou a situação desastrosissima em que Claudio se collocara.

Ergueu-se hirto, altivo, feroz e bradou com indignação!

— A mulher que procede assim é indigna do sacrificio, que nem sabe comprehender. Aprecio agora a minha vida para poder desprezal-a como merece, minha senhora!

E entrou na sala, tomou o seu bonet, despediu-se precipitadamente, para não traír a commoção que o dominava, de todos os circumstantes; e saiu correndo a asphyxiar a sua vergonha no estreito recinto do seu quarto solitario.

Ali sem testemunhas chorou de raiva e de dor; mas a razão desvairada dizia-lhe que fôra covarde, não realisando a sua ameaça diante da tenacidade glacial de Lucia!

Esta idéa cravou-se-lhe como um espinho no cerebro e não o abandonou toda a noite.

Lucia riu e folgou todo o resto do serão, foi graciosa e ironica para todos os seus admiradores, fez transparentes allusões aos suicidios e adormeceu embalada pelos mais deleitosos sonhos da sua descuidosa juventude.

(Continua)

C. B.

O DESENGANO

A Mocidade fará bem, e recolherá grande proveito para a direcção da vida, se uma e muitas vezes passar pelos olhos, e depois meditar attentamente a bellissima página de um livro admiravel, (a *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*), que vou offerecer á sua consideração.

Cumprê saber que o venerando arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, havia deixado para sempre o governo do arcebispado (que resignára gostoso), e estava já no retiro do Convento de Viana, quando proferio as sentenciosas palavras de desengano que vamos ouvir:

— «Perguntou-lhe um fidalgo como se achava depois que se tornára a encerrar n'aquelles claustros, respondeo com rosto alegre:

«Achome como negro forro, a quem tirarão huma braga muito pesada, que arrastei vintequatro annos com grande trabalho & grande desconsolação.» — E acrescentou:

«Hora desenganese o mundo (& creãome como a experimentado & acutilado) que o que lá chamaõ dignidades & cargos honrosos, não tem mais de seu que aquellas vistas & representações de magestade, que tudo o mais são perpetuas occupações, & cuydados & os mais d'elles muy penóso. E o que he peor carregão a consciencia com montes de escrupulos, & poem em risco a salvação sem mais premio muitas vezes que um lereiro pomposo & vão pera os ossos secos da sepultura. Por isso dou infinitas graças a Nosso Senhor que me livrou de hum mal sempre alterado, sempre tormentoso, & me trouxe a este porto de quietação, onde me parece que já começo a lograr os bens da gloria.» — (1)

— Não condemnamos a nobre ambição que aspira a ser prestavel á patria e á humanidade; não condemnamos a natural tendencia que ha no homem para melhorar a sua condição; não condemnamos, antes louvamos, os esforços de cada individuo para conseguir um quinhão de felicidade no mundo.

O que unicamente pretendemos fazer sentir, é o quanto ha de illusão, de desassocego, de perigos nessas elevações sociaes que fascinam e deslumbram.

Para assignalar esses escólhos, não podiamos recorrer a melhor e mais seguro nauta, do que ao experimentado arcebispo de Braga, na occasião em que se felicitava de haver concluido uma navegação arriscada.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

Os selvagens da America, querendo igualar a coragem das mulheres á dos homens, ligam muitas vezes os braços dos filhos com os das filhas, e queimam-nos reunidos, examinando n'esta occasião qual dos dois sexos supporta melhor a dor. Affirmam que é o sexo feminino.

(1) *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*. . . por Luiz de Souza. Liv. VIII.